

## KARATÊ-DÔ NA ESCOLA ENQUANTO PRÁTICA EDUCACIONAL

Maria das Dores Borges da Silva

**RESUMO:** O presente estudo objetivou investigar a questão e/ou situação do Karatê-dô enquanto prática educacional realizado nas escolas da rede particular de ensino da cidade de Teresina. Para atingir este objetivo, utilizou-se o método fenomenológico para coletar os dados originários, no âmbito escolar, para o entendimento da problemática em estudo. Karatê-dô significa literalmente “caminho das mãos vazias”, é uma arte marcial milenar de origem oriental. Os principais motivos que levou as escolas particulares a adotarem e desenvolverem a prática do Karatê-dô, foi o reconhecimento do seu valor educativo, entretanto relacionado ao aspecto disciplinar. Nas escolas é oferecido a todos os escolares do pré-escolar ao 3º ano do 2º ensino Médio. Dentre outros critérios: o interesse, aptidão física, alunos com melhores notas são utilizados para formar as turmas. Aspectos conjunturais relacionados à ação pedagógica (tradicional) dos profissionais de karatê escolar, à concepção estigmatizada sobre o valor educativo deste esporte, e à falta de suporte material são fatores limitantes para a realização prática do Karatê-dô intra-escolar. Esse tem sido considerado uma atividade importante para a socialização e promoção do saber. As escolas que a desenvolve em Teresina, demonstram estarem satisfeitas com os resultados ora obtidos.

**Palavras-chaves:** Educação Física, Esporte Educacional, Karatê-dô

### INTRODUÇÃO

O Karatê-dô é um esporte de origem oriental que, enquanto arte marcial, tem a finalidade de defesa pessoal sem o uso de armas. Essa concepção é evidenciada na sua própria conjugação do termo KARATÊ-DÔ. KARA = vazio TE = mão e DÔ = caminho, significando literalmente como o “Caminho das mãos vazias”.

Surgiu no Brasil com a imigração e instalação dos japoneses; a principio no estado de São Paulo. Seu desenvolvimento se deu de forma lenta, cujo acesso resumia-se apenas, aos colonos japoneses e aos poucos brasileiros que demonstravam interesse pela prática. Já no Piauí, especialmente em Teresina, a prática do Karatê-dô teve início de forma efetiva, em 1974 com o japonês Seiji Nakayama, que a convite de amigos e entidades como o SESC, AABB e Jockey Club, Nakayama começou o ensino do Karatê-dô aos piauienses. Criou a Associação de Karatê do Piauí, em 1975 e, depois, criou a escolinha de Karatê da FAGEP (Fundação de apoio geral ao esporte piauiense), como meio de tornar acessível essa prática para as camadas populares. Mas, a sua popularidade a nível local e regional se deu a partir de 1987, com a fundação da Federação Piauiense de Karatê-dô Tradicional. O empenho dos associados e membros dirigentes dessa entidade tornou-se uma força propulsora para a socialização do Karatê-dô no estado. Sua introdução na escola teresinense se deu por volta de 1988, no Colégio São Francisco de Sales – Colégio Diocesano, de grande prestígio na cidade. Atualmente, devido várias divergências ocorreu a cisão de membros que criaram novas federações e liga.

O Karatê-dô constitui-se como acervo ainda muito restrito tanto nas escolas formais quanto nas Universidades onde a prática é vista de forma superficial dentro da disciplina opcional “Lutas”. O não oferecimento desta prática esportiva Karatê-dô, pelas Instituições de Ensino Superior tolhe dos discentes e futuros profissionais da Educação a oportunidade do conhecimento de caráter científico sobre a importância do Karatê-dô como meio de educação. Pois, como diz Rangel (1996, p 98) o Karatê-dô é acima de tudo uma ciência “que precisa ser estudada, pesquisada e que dá a cada momento um conhecimento novo do nosso corpo, através dos movimentos que executamos quando atacamos ou nos defendemos de algumas investidas dos adversários” (p.98).

A prática do Karatê-dô, tanto no âmbito escolar como no não-escolar, seja em qualquer aspecto (afetivo, social, lúdico, evolução motora, etc.) deve ser feita com cuidado. Sasaki (1989; 1991, p. 19-20) alerta para os benefícios e malefícios que esta prática pode trazer. Segundo o autor quando esta atividade é trabalhada com a finalidade educativa pode-se obter equilíbrio,

tranquilidade física, mental e social. Porém, se aplicada com a conotação simplesmente de “luta”, poderá causar ao indivíduo uma série de traumatismos de ordem física e psicológica.

Segundo Manoel (1995, p.65-68) a relevância dessa atividade, como outras lutas, ocorre principalmente no plano motor, onde as capacidades físicas e motoras são amplamente solicitadas. Para Bull (1989), Coskley (1993), Caleja (s.d.), Virgílio (1986) apud Manoel (1995), são atividades capazes de contribuir para: a diminuição da agressividade, proporcionar autoconhecimento, melhoria do autoconceito, conhecimento de outras culturas e reforçamento de conceitos acadêmicos uma vez que há aprendizado sobre o movimento e através do movimento. E para Coletivo De Autores( 1992, P.30-31) sua aplicação nas escolas deve ser ampliada e adequada às condições sócio-econômicas, regionalização, cultura e necessidades do aluno. Constituindo-se uma “Cultura Corporal” ampla, acessível e praticável.

Considerando estudos de Gallahue apud Tani e outros (1988) para programação de atividades motoras para a Educação Física na escola, o Karatê-dô é uma habilidade desportiva que se enquadra dentro da fase de movimentos determinados culturalmente. Seguindo esta visão Manoel e outros (1995), considera que as atividades motoras características de artes marciais proporcionam a conquista de habilidades diferentes no que diz respeito a (a) locomoção, (b) estabilização e (c) manipulação. No Karatê-dô a (a) locomoção se dá através dos modos diferentes de locomover-se desde o andar ajoelhado (na maneira dos samurais até deslocamentos visando melhor momento para a execução de um golpe); (b) a estabilização ocorre no jogo de equilíbrios dinâmicos e nas variadas formas de cair; (c) a manipulação é manifestada através das diferentes formas de movimentar os membros superiores e inferiores (socos, chutes, Kata).

O presente estudo pretendeu investigar sobre a importância da prática do karatê-dô nas escolas, em Teresina, através do qual possibilitou a identificação de respostas para questionamentos, antes obscura, tais como saber que motivos levaram as escolas a adotá-lo; como estava sendo desenvolvido, e quais os limites e dificuldades que interferiam na sua prática cotidiana intra-escolar.

## **MATERIAIS E MÉTODO**

Para concretização desta pesquisa foi utilizado gravador, fita k-7, entrevista semi-estruturada e observação de aulas práticas de karatê-dô “IN LOCU”.

Os sujeitos deste estudo de natureza qualitativa foram 03 (três) diretores, 03 (três) profissionais (auxiliar de monitor, monitor e auxiliar de instrutor) de Karatê que estavam nas escolas e que utilizam o Karatê-dô como prática escolar, 06 (seis) alunos, sendo dois de cada uma daquelas escolas, perfazendo um total de 12 sujeitos que compuseram a amostra.

Em prévio levantamento sobre praticar escolar, constatou-se que somente algumas escolas particulares de Teresina ofereciam e estavam desenvolvendo o Karatê-dô, estilo shotokan. Observou-se, também, que o Karatê-dô, estilo shotokan, estava sendo desenvolvido em escolas de pequeno, médio e grande porte. Considerando o número de turmas (entre duas e oito) em que eram trabalhadas as aulas prática de Karatê-dô, foram selecionadas 03 escolas, de médio e grande porte, da rede particular de ensino de Teresina para ser realizado o presente estudo. A escolha foi feita de acordo com a zona nas quais estão situadas, ou seja, uma de cada zona da cidade: Centro-sul (Colégio São Francisco de Sales – Colégio Diocesano); Norte (Instituto Versal de Ensino) e Leste ( Colégio Lerote). Estas escolas atuam no ensino de 1º e 2º graus.

Em cada escola foi selecionada uma turma para observação das aulas práticas. Em uma delas foi realizada duas observações, na medida em que se constatou que estas não traziam elementos novos ou diferentes dos que estavam sendo obtidos nas demais observações. De forma geral, acompanhou-se três profissionais de Karatê-dô (01 auxiliar de monitor, 01 monitor e 01 auxiliar de instrutor) perfazendo uma média de 08 (oito) observações em cada escola. O período e a duração de cada observação variou entre 30 (trinta) a 50 (cinquenta) minutos. . Procurou-se realizar as observações de maneira assistemática, mas, intensivas, procurando manter um comportamento informal com os alunos e profissionais de Karatê, não deixando de explicar os objetivos da pesquisa, sempre que solicitado. As entrevistas foram realizadas com

todos os sujeitos selecionadas através de uma entrevista semi-estruturada. Cada interlocutor foi entrevistado individualmente.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Para a análise e interpretação das informações coletadas, através das observações e entrevistas, utilizou-se o processo da leitura fenomenológica/hermenêutica. A grande vantagem do uso desse processo segundo Boavista (1996, p. 56-59) é que permite a “compreensão e a Interpretação da questão em foco” uma vez que “os atores/agentes que constroem a sua realidade são os mesmos que orientam a compreensão da mesma”.

Segundo o discurso dos interlocutores as escolas da rede particular de ensino de Teresina adotaram o Karatê-dô por vários motivos dentre eles: o valor educativo foi determinante, principalmente no que se refere ao aspecto disciplinar. Outras o adotaram, principalmente, por quererem trabalhar com algum tipo de arte marcial; seguido de fatores secundários como por haver demanda, embora esta seja ainda pequena; promover um lazer saudável; oportunizar a prática como meio de defesa pessoal; por ter tido aprovação dos pais ou por ser o profissional de Karatê conhecido dos alunos e da direção. A oferta do Karatê-dô na escola representa um meio de “desmistificá-lo” uma vez que a socialização de seu conhecimento permite aos alunos e professores criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural.

Na maioria das escolas que oferecem e desenvolvem o Karatê-dô de forma efetiva e sistemática, este esporte foi incluído como mais uma opção esportiva no programa de educação física escolar. O caráter opcional não significa em alguns casos o descumprimento ou isenção dos alunos dos trâmites legais exigidos no currículo escolar como a frequência mínima de 75%. Assim tem conquistado seu espaço dentro da escola. A sua inclusão no programa de Educação Física Escolar, mesmo em caráter opcional, significa um grande avanço para divulgação e reconhecimento do Karatê-dô, não somente enquanto arte marcial, mas, especialmente, como esporte-educação. Como qualquer outro esporte o seu valor educativo é incontestável, porém, a maneira como é conduzido, indubitavelmente, é um fator determinante tanto para aquisição de novos adeptos, como para sua legitimização e solidificação no ambiente escolar.

A presença do Karatê-dô como prática educacional, é marcada por muitos fatores contrastantes. Como esporte inserido no programa de Educação Física da escola não está isento das dificuldades que interferem no seu desenvolvimento efetivo. Os problemas inerentes à exequibilidade do Karatê-dô em algumas escolas são resolvidos com total apoio destas. Em outras, embora haja o reconhecimento sobre a sua importância como esporte-educação, na prática parece que o discurso nem sempre condiz com a realidade. No período de realização de provas ou “provões”, por exemplo, as aulas são interrompidas ou quando muito a presença dos alunos é mínima.

O acompanhamento da escola em relação as atividades esportivas, em especial do Karatê-dô, nem sempre tem recebido o tratamento necessário. Quando ocorre o acompanhamento este é feito de maneira indireta e para discutir sobre o aspecto disciplinar dos alunos, ou através do registro no diário de classe ou quando da apresentação em eventos. Nessa mesma direção, aponta-se o tratamento diferenciado da administração das escolas entre as práticas esportivas e as atividades pedagógicas em sala de aula convencional, onde “a escola prioriza as atividades pedagógicas de sala (caráter intelectual) em detrimento às esportivas” (SILVA, 1998).

A atitude de valorização dos administradores escolares e dos alunos para com as atividades pedagógicas, consideradas de caráter intelectual e que exigem, também, um conceito valorativo quantitativo que expressa a razão do saber adquirido é incontestável, em detrimento às atividades esportivas, consideradas importante para o desenvolvimento motor do aluno, sendo que não se utilizam do critério nota para medir o processo de ensino-aprendizagem destas o que ilustra na realidade além de certo descaso, a desvalorização do profissional que exerce a função nessa área específica.

Outro aspecto importante se refere aos critérios utilizados pela escola para contratar o profissional de Karatê. Algumas escolas simplesmente não observam a qualificação profissional e ainda transfere essa responsabilidade para as instituições as quais o Karatê-dô está

representado. Outras escolas, ainda, concentram sua exigência para admissão do profissional de Karatê (auxiliar de monitor, monitor, auxiliar de instrutor) nos aspectos de atitudes pessoal ou comportamental deste profissional. As observações, quando feitas, recaem principalmente sobre o ato de responsabilidade e compromisso com o cumprimento do dever.

O principal motivo enfatizado pelos entrevistados quanto a necessidade de aprender esta arte esta no como se defender. Talvez essa evidencia seja um reflexo da violência da qual a própria sociedade é agente e vítima ao mesmo tempo. A relação entre a violência e o comportamento das pessoas é freqüentemente propagado nos meios de comunicação. Atitudes de provocações, ameaças, dentre outras, provocam sentimentos de raiva intensa que levam à agressão.

De modo geral, o que se observa na prática cotidiana do Karatê-dô é uma tendência geral de ensino que se caracteriza pela uniformização dos movimentos corporais. A mínima variação dos movimentos feitos por qualquer aluno ou grupo é sempre corrigida a tempo, para que todos executem, simultaneamente, e de forma “perfeita” o mesmo movimento. Estes movimentos de conjunto são sempre realizados em espaços próprios – Dojo, observou-se que nas escolas, as aulas normalmente são realizadas em local aberto – quadras e pátios.

Nas aulas práticas intra-escolar do Karatê-dô notou-se que a disciplina imposta ao grupo no sentido de imitar – sob o nome de equipe – buscava ritmar o trabalho do grupo. Vale dizer, que essa disciplina observada possui o caráter de organização. O poder que se dilui na organização era aceito de forma que o entendimento do mesmo coexistisse com a idéia de necessidade para o “bom andamento da turma”. O ensino do Karatê-dô em sua ação prática utiliza a teoria do ensino-aprendizagem comportamentalista, na medida em que todo trabalho é realizado, orientado pelo monitor que dita as “regras do jogo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os argumentos emitidos pelos entrevistados, assim com dos estudiosos desse esporte parecem ser suficientes para sustentar a presença do Karatê-dô na escola enquanto prática educacional. Karatê-dô é uma excelente atividade de socialização / promoção de saber. A sua prática é viável, exequível na escola particular teresinense enquanto prática educacional. Por apresentar-se como uma atividade trabalhada através de objetivos, conteúdos, métodos e oportunidade de experiências ou vivências corporais pode contribuir para a formação do aluno enquanto cidadão-crítico.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BOAVISTA, Conceição. **O prestígio do professor e sua atuação profissional**: fatores sociais de interveniência. Teresina, PI: EDUFIP, 1996.
- COLETIVO de autores. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRUG, Hugo Norberto. A competência pedagógica do professor de educação física. M.S. Canfield (org.). **Isto é educação física**. Santa Maria/RS: JtC, 1996, p.81-93.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1994.
- LUBES, Aldo. **Caminho do karatê**. 2. ed. Paraná: UFPR, 1994.
- MANOEL, E. J. et. alli. Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de educação física. **ANAIS da II CICEEF**, São Paulo, 1995, p. 65-68.
- RANGEL, Ivo. **Estudos de karatê**. 4. ed. Salvador/BA: Egba, 1996.
- SASAKI, Y. **Clinica de esportes: Karatê**. 2. ed. São Paulo: CEPEUSP, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Karatê-dô – caminho educativo**. São Paulo: CEPEUSP, 1991.
- SEVERINO, Roque. Artes Marciais. **Revista Planeta**. ed. extra. São Paulo: Três, nº 5, s/d.
- SILVA, J. E. Fernandes de Sousa (org.). **Esporte como identidade cultural**: Coletânea. Brasília: INDESP/MEE, 1996, p.24-25.
- SILVA, Maria das Dores Borges da. **Karatê-dô enquanto prática educacional**. Monografia, Teresina: UFPI, 1998.

TANI, Go et. Ali. **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TEGNER, Bruce. **Guia completo de karatê**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1972.